

TÃO LONGE, TÃO PERTO: OS ENTRELACES DA UNIVERSIDADE COM A ESCOLA BÁSICA POR MEIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Claudia do Carmo ROSA*

RESUMO

Esse artigo tem o propósito de refletir sobre a formação inicial de professores de Geografia tendo como referenciais teóricos autores que tem contribuindo com suas produções e posicionamentos, como Cavalcanti (2012), Imbernón (2011), Pimenta (2011), Callai (1999) e outros. Em seguida, dá-se um enfoque especial em relação aos entrelaces da universidade com a escola básica na formação profissional, tendo o Estágio Supervisionado como mediador no processo dessa formação e também como intercâmbio entre estas duas instituições de ensino. Por fim, são feitas algumas considerações sobre minha experiência como professora orientadora de estágio e professora regente na escola básica, apresentando um momento ímpar da prática docente onde possibilitou estar em exercício profissional nas duas instituições de ensino. As reflexões a serem apresentadas apontam que as atividades de estágio produzem conhecimento teórico/prático capaz de alimentar os saberes necessários à formação inicial dos professores, tanto quanto podem fundamentar as práticas docentes nas escolas.

Palavras-Chave: Formação Inicial de Professores; Universidade; Escola Básica; Estágio Supervisionado.

INTRODUÇÃO

A formação de professores tem suscitado inúmeros questionamentos e investigações sobre os caminhos e procedimentos que contribuam para uma formação de qualidade à prática docente e envolve questões marcadas pelas relações entre as instituições de ensino - universidade e a escola, e suas contribuições neste processo de formação inicial. A problemática levantada diz respeito à formação inicial de professores de Geografia e como se dão as relações entre a universidade e a escola tendo o estágio como mediador deste processo.

* Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Unidade Universitária da UEG de Porangatu
E-mail: claudiamorosa@yahoo.com.br

Diante disso, o propósito inicial é fazer uma reflexão sobre a formação inicial de professores, tendo como referenciais teóricos autores que tem contribuindo com suas produções e posicionamentos, como Cavalcanti (2002, 2008, 2011, 2012), Imbernón (2011), Pimenta (2011), Alarcão (1996), Callai (1999) e outros. Em seguida, dá-se um enfoque especial em relação aos entrelaces da universidade com a escola básica na formação profissional. Nesta perspectiva, insere-se o estágio, como mediador no processo de formação inicial e também como intercâmbio entre estas duas instituições de ensino. São apresentados os dilemas enfrentados na realização do estágio tanto na óptica da universidade como da escola de educação básica e são feitos alguns apontamentos para uma relação mais efetiva entre essas instituições, e o papel fundamental deste componente curricular – o Estágio Supervisionado, na formação do futuro professor. Por fim, são feitas algumas considerações sobre minha experiência como professora orientadora de estágio e professora regente na escola básica, apresentando um momento ímpar da prática docente onde possibilitou estar em exercício profissional nas duas instituições de ensino – universidade e escola básica, promovendo uma aproximação entre ambas.

UMA REFLEXÃO SOBRE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Nas últimas décadas têm-se intensificado as discussões e reflexões sobre a qualidade do ensino escolar. Muitas são as contribuições de geógrafos que através de suas reflexões se posicionam metodologicamente à nova práxis em sala de aula. Compreende-se que o processo de (re)construção do conhecimento se dá em uma conjuntura de fatores intra-escolares e extra-escolares. Neste contexto, escola, professores e formadores buscam reorganizar suas práticas pedagógicas, em benefício da melhoria na qualidade do ensino, para tentar responder aos desafios de diversas ordens¹ que interferem diretamente na prática docente.

¹Ordens essas que são políticas, econômicas, sociais, tecnológicas, espaciais.

Vive-se em tempos nos quais a dinâmica da sociedade renova-se a cada dia, muitos métodos e ideologias são questionados, conceitos são postos à prova e, o mundo da ciência, do trabalho, da política, da produção caminha para mudanças de paradigmas. Esta atual sociedade é muito complexa e dinâmica. “As transformações apontadas pelos especialistas aconteceram e continuam acontecendo com grande velocidade na economia, na área da comunicação, nas práticas culturais, na área da reflexão e produção do conhecimento e nas artes em geral”. (CAVALCANTI, 2002, p. 11).

Essas mudanças refletem no sistema educacional. Frente a esta situação, surgem vários educadores e pesquisadores com ideias contundentes a partir das mudanças ocorridas no cenário da educação no Brasil e mesmo de caráter global, e têm apresentado discussões em torno das políticas de formação de professores. Em outro texto, Cavalcanti (2011, p. 88) relata que

A atual política educacional no Brasil e no mundo, traduzida nas reformas do sistema, encaminha a questão da formação do professor e de sua prática com base na concepção de profissional reflexivo, com a lógica da formação contínua, da formação na escola, da valorização dos saberes práticos do professor.

Nesse sentido, o debate para o qual se tem chamado atenção é o processo de formação deste futuro profissional - o professor. A partir de 1990, houve uma série de ações, programas e políticas que visavam à implantação das bases para uma reforma educacional brasileira, entre quais se destaca o Plano Decenal de Educação para Todos, o Pacto de Valorização do Magistério e Qualidade da Educação, a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), a elaboração de Parâmetros Curriculares Nacionais, o Programa Nacional do Livro Didático.

Em 1999, o MEC publica o documento denominado *Referências para a formação de professores* que define pressupostos para a formação de professores na direção da profissionalização do magistério, para a natureza do exercício docente e para elementos de organização institucional. Estas e outras regulamentações exigem do currículo e dos formadores uma atitude diferente da que vem sendo tradicionalmente praticada, me refiro

aqui ao modelo “3+1”², pois este não é capaz mais de responder às novas exigências educacionais.

Almeida (2002) alerta para a tentativa de melhorar a formação do professor, pois a formação inicial e continuada do mesmo se fundamenta numa concepção crítica e reflexiva que exige uma constante formação teórica e prática voltada para o exercício da interdependência entre ação e reflexão da nova práxis. Tendo como base, referenciais teóricos e metodológicas, o professor crítico-reflexivo é aquele profissional que tem competência para pensar sua prática com qualidade, crítica e autonomia.

De acordo com estudos realizados por Alarcão (1996), o interesse provocado pela idéia do professor reflexivo vem da atualidade dos temas que ela contempla, quais sejam: a necessidade da eficiência, a aproximação entre a teoria e a prática e a proposta de formar para reflexão. Pois, é nessa dimensão reflexiva que o professor faz uma análise do acontecido, buscando definir uma ação futura, construindo novas soluções.

Na percepção de Pimenta e Ghedin (2002) frente a situações novas que extrapolam a rotina, os profissionais criam, constrói novas soluções, novos caminhos, o que se dá uma reflexão na ação. Assim, constroem um repertório de experiências que mobilizam situações similares, configurando um conhecimento prático. Enfatiza ainda que a valorização da prática na formação dos professores tem que ser uma prática refletida, onde lhes possibilitem a responder as situações novas, nas situações de incertezas e indefinição. Cavalcanti (2002) também ressalta aspectos sobre a formação de professores: a formação enquanto processo de autoformação; a necessidade de uma formação contínua; a formação crítica e reflexiva; a construção da identidade profissional.

Para Imbernón (2011) a formação inicial deve dotar de uma bagagem sólida nos âmbitos científico, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal que deve capacitar o futuro professor a assumir a tarefa educativa em toda sua complexidade, atuando reflexivamente com a flexibilidade e o rigor necessários, isto é, apoiando suas ações em uma fundamentação válida para evitar cair no paradoxo de ensinar a não ensinar.

²O “modelo 3+1” é um tipo de formação muito convencional nas diferentes estruturas curriculares, que

Para isso, se faz necessário avanço nas concepções de formação do professor de Geografia, numa perspectiva de enfrentar tradicionais dilemas, tais como: impassibilidade na relação de intercâmbio entre instituições universitárias e escolas de Educação Básica (muitas escolas não apresentam interesse em estreitar relações com os cursos formadores de professores); a desarticulação entre formação acadêmica e realidade prática em que os estagiários irão atuar (dicotomia teoria e prática); distanciamento da Geografia acadêmica e Geografia escolar (dificuldades dos profissionais em manter uma coerência entre o discurso acadêmico e a prática escolar). Nesse sentido, Pinheiro (2006, p. 94) afirma que:

A questão do distanciamento entre a formação acadêmica e a prática docente, sobretudo em sala de aula, tem sido um dos dilemas encontrados nas pesquisas sobre o professor de Geografia. Diversos trabalhos apontam esses problemas como cruciais no contexto das licenciaturas. É comum afirmar que os cursos de formação desconhecem a realidade da Escola Básica.

Callai (1999) também acredita que o papel da universidade perante a escola campo, é pensar junto com os professores em formação as condições necessárias para teorizarem suas práticas, atualizando constantemente os conteúdos específicos e os aspectos pedagógicos. Assim, se faz necessário notar que a formação acadêmica não pode estar desarticulada da realidade prática e isso notifica que a aproximação universidade-escola precisa ter um trabalho mais colaborativo entre os diferentes níveis de ensino – básico e superior, e o estágio pode ser o mediador nesse processo de formação.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO MEDIADOR NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

O Estágio Supervisionado é um componente curricular fundamental na formação inicial do professor. Para tanto, se faz necessário um entendimento do que é o estágio e seu papel mediador entre a universidade e a escola básica. Sabe-se que os estagiários são os alunos universitários e que vão para a escola básica aproximar-se da realidade profissional, da qual um dia eles já fizeram parte. Só que agora numa situação de futuros professores, nos quais poderão atuar naquele espaço escolar e contribuir na formação básica de alunos que, possivelmente, ingressarão na universidade.

Cavalcanti (2008) salienta que convencionalmente, as relações predominantes entre as instituições formadoras de professores e a escola básica seguem a lógica da relação linear entre teoria e prática, na qual a universidade detém a teoria e a escola a prática. Concepção errônea. Pois, a possibilidade de relações cada vez mais estreita entre a universidade e escola é condição para um processo de formação de professores referenciado na articulação teoria-prática.

Almeida (2002) considera que o estágio constitui-se em uma das atividades mais ricas da licenciatura, justamente por possibilitar que o aluno se depare com situações que solicitam aprofundamento teórico, comunicação com pessoas em diferentes níveis, questionamento dos planos estabelecidos, iniciativa, criatividade e, principalmente, compromisso com o outro.

O estágio é assim, um momento oportuno de atitude reflexiva na formação do professor sobre a realidade dinâmica e complexa que envolve a prática docente. Na maioria das universidades de licenciaturas, o estágio continua sendo considerado a parte prática dos cursos de formação do professor, em contraposição à teoria. Não é raro mencionar a contraposição entre a teoria e prática e dizer que na prática a teoria é outra.

Pimenta e Lima (2011) afirmam que as duas - teoria e prática - são dimensões indissociáveis, para tanto o estágio é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá.

Portanto, concordo com as referidas autoras que durante a realização do estágio ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade para ultrapassá-la.

Passini (2007) também assinala que

no estágio colocamos as teorias em prática. Ao voltarmos à sala, analisamos as experiências adquiridas à luz das teorias. O que ocorre é a articulação prática ↔ teoria ↔ prática ↔ teoria. Essa construção relacional é infinita, e quanto mais nos debruçamos sobre a teoria, mais nossa prática pode ser melhorada; quanto mais analisarmos as práticas, mais fundamentos podem ser identificados, e a necessidade de busca pelo conhecimento fica instalada.

Assim, o estágio é uma instrumentalização fundamental no processo de formação profissional de professores. É um importante segmento na relação entre trabalho acadêmico e a recontextualização das teorias, representa o intercâmbio dos futuros professores com o espaço de trabalho, a escola, a sala de aula e as relações a serem construídas.

Para Pimenta e Lima (2011) o estágio se caracteriza mais como uma interação do que como simples intervenção, abrindo-se a possibilidade de uma ação entre a universidade e a escola, na qual professores-alunos e professor orientador de estágio também atualizam seus conhecimentos acerca da profissão docente. Também considera a importância da participação dos professores das escolas que recebem os estagiários nesse processo formativo, no qual esses assumem também a função de “supervisores” (ou orientadores) do estágio.

Contudo, o estágio como mediador na relação universidade e escola básica contribui para os conhecimentos teórico-práticos acerca da profissão docente, bem como a (re) construção de um saber geográfico que leve a um posicionamento crítico e, se possível, à transformação da realidade na formação inicial do professor. Sabendo que a formação profissional não termina com a finalização do curso, ela é contínua e exige constante atualização.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE MINHA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA ORIENTADORA DE ESTÁGIO E PROFESSORA REGENTE NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

A escolha para desenvolver um artigo no campo da formação inicial do professor tendo como referência o estágio é que desde a graduação, tem sido grande o meu envolvimento e trabalho com a formação do professor de Geografia, bem como as atividades de ensino da disciplina no âmbito escolar. Tendo experiência como professora regente na Educação Básica, nível Ensino Médio e professora orientadora de Estágio Supervisionado na Universidade Estadual de Goiás– Unidade Universitária da UEG de Porangatu/GO, reforça o meu compromisso profissional com os alunos estagiários nas duas instituições de ensino - universidade e escola básica.

A experiência a ser relatada parte das rotinas vivenciadas no ano letivo de 2011 que foram descritas nos diários de campo, somadas às entrevistas, observações e o próprio memorial produzido pelos alunos estagiários. Considero um momento ímpar, pois ter sido professora orientadora de uma turma de doze alunos e nos quais seis foram encaminhados para desenvolver o estágio na escola básica em que eu também trabalhava como professora regente juntamente com outras duas professoras de Geografia.

Sendo professora orientadora de estágio percebo alguns dilemas que os alunos defrontam ao realizar o estágio na escola campo: receptividade passiva da escola campo; carência de conhecimentos teóricos dos estagiários para fundamentar a prática; insuficiência de habilidades e competências com os conteúdos escolares a serem trabalhados; dificuldades em estabelecer a contextualização dos conteúdos trabalhados com a realidade cotidiana; carência de intercâmbio das instituições de ensino superior com as escolas campo e a recorrente queixa de estagiários diante a indiferença dos professores quanto a conhecimentos mais atualizados sobre o ensino.

Como professora regente na escola básica aponto outras questões: o estágio de certa forma tumultua o espaço escolar; os estagiários “tomam” as aulas dos professores; possuem frequência irregular (começam bem, depois somem e só retornam no final do ano para dar as aulas para serem avaliados); dificultam o cumprimento do calendário escolar entre outros. Estes e outros dilemas acabam por marcar o distanciamento nas relações entre universidade e escola.

Tal situação me faz pensar nas palavras de Passini (2007, p.11) que diz:

é um desafio muito grande a busca de parceiros nas escolas receptoras, e sempre nos sentimos invasores de um espaço murado, com organização própria, com sujeitos de diferentes idades em formação, os quais mantêm uma rotina complexa. O espaço escolar é social, e torná-lo mais produtivo depende não só dos sujeitos, mas, fundamentalmente, dos sujeitos investigadores, que o observam e analisam suas possibilidades de mudança.

De um lado, como formadora de formadores na universidade tenho buscado adequar o Estágio Supervisionado às atuais concepções quanto às circunstâncias das escolas, onde interesses dos diferentes grupos sociais delas participam vêm gerando outras demandas. Por outro lado, como professora regente na escola básica a responsabilidade com o ensino

adquire outra dimensão por estar recebendo os estagiários que observam minhas aulas e que contribuem no ensino aprendizagem dos alunos. Principalmente, porque na universidade a abordagem é uma teoria acadêmica com fundamentos teóricos metodológicos sobre o ensino de Geografia e quando chegam à escola básica essas teorias são aplicadas e os próprios estagiários diante a minha prática docente buscam respostas para seus anseios profissionais. Não tenho receitas e nem tão pouco aulas modelos, o que proponho constantemente é a construção do conhecimento através de leituras, debates, dúvidas, pesquisas e, de um modo especial, a aproximação com os alunos para entender como eles pensam e produzem o conhecimento.

Essa situação permitiu uma relação mais efetiva entre estagiários e o professor regente, dando maior abertura para a realização das atividades do estágio e participação assídua tanto em sala de aula como em todo o espaço escolar. Sabendo que os estagiários não realizaram suas atividades somente comigo, mas também com duas outras professoras regentes, mas pelo fato de sermos colegas de trabalho sempre conversávamos sobre as possibilidades de intervenção que os estagiários poderiam promover diante aos problemas de ensino aprendizagem dos nossos alunos.

Assim, os estagiários conheciam a realidade escolar e se sentiam significantes por contribuir no processo de construção do conhecimento. Interessante, que os próprios alunos da escola começaram a admirar, a respeitar e a valorizar as atividades desenvolvidas pelos estagiários, pois quando os mesmos finalizaram o estágio alunos perguntavam se eles não iriam mais retornar e outros diziam que já estavam sentindo falta dos estagiários. Eis o momento de aproximação entre universidade e escola básica.

Para Pimenta e Lima (2011) a aproximação do aluno estagiário com o professor da escola não é apenas para verificar a aula e o modo de conduzir a classe. É também para pesquisar a pessoa do professor e suas raízes, seu ingresso na profissão, sua inserção no coletivo docente, como conquistou seus espaços e como vem construindo sua identidade profissional ao longo dos anos.

Souza (2009) afirma que o acompanhamento do registro diário de campo dos estagiários podem ser resultado de pré-análises, impressões, preocupações e reflexões. Considera-se que as narrativas é um mecanismo eficiente que permite caracterizar,

descrever e analisar o objeto a ser investigado. Assim, através da análise do registro de diários de campo e leitura do memorial dos estagiários faz com que os depoimentos registrados confirmam a contribuição do estágio na formação profissional e o papel da professora regente e da professora orientadora:

Depoimento 1 – “A professora regente conseguiu transpassar teorias de suma importância para lidar com os alunos do ensino médio, de forma que na prática não se tornasse tão assustador com um mundo obscuro e cheio de novidades. Dessa forma, a participação direta e indireta da professora, colocou uma ruptura nas incertezas de ser ou não professor, onde cada aluno estagiário conseguiu ter domínio e planejamento de sala, basta gostar e ter prazer em ensinar. A apresentação dos estagiários pela professora foi muito importante, pois aumentou a auto-estima diante o corpo docente e deu mais segurança ao lidar com os alunos. O acompanhamento da professora orientadora juntamente com a professora regente, sem que haja competição entre o professor e aluno estagiário, é uma grande vantagem ao caminhar na direção da educação profissional.” **Estagiária do 4º ano do curso de Geografia**

Depoimento 2 – “No ano de 2011 tive muitas experiências para minha formação acadêmica e formação como futuro professor, pois vivi intensamente dentro da escola campo com meu estágio uma experiência que levarei para toda minha vida profissional. Iniciei o processo de estágio e aos poucos fui descobrindo o prazer em ser professor, é claro com a ajuda toda especial de minha professora orientadora e regente que até então tinha nenhuma simpatia por sua pessoa, mas com a convivência comecei a admirá-la, pois, pude descobrir que tem um prazer enorme em estar na sala de aula, e isso fez com que aos poucos além de respeito surgisse uma grande admiração por esta pessoa com um potencial fora do normal. Os dias iam passando e eu a cada dia ia descobrindo os mistérios de como tornar um bom professor. No decorrer do ano foi ficando ainda mais intenso a relação com a escola, com todos que ali trabalhavam e principalmente, com os alunos. Assim, desenvolvi um projeto bem legal com a turma da 3ª série, onde fomos a um assentamento acompanhar como funciona a reforma agrária, foi momento onde houve grandes descobertas e acabei me descobrindo como um futuro professor. A minha experiência como estagiário, neste ano, me deixa muito motivado a tornar um professor reflexivo e com novas perspectivas para minha vida profissional. Esta realizando o estágio com a estrutura que a escola oferece, faz com que o estagiário se sinta como um verdadeiro professor, e foi assim que mim senti durante todo tempo em que estive realizando meu estágio, cada professora que acompanhei fez de todos os momentos, momentos especiais na minha caminhada como futuro professor.” **Estagiário do 4º ano do curso de Geografia**

Por meio destes depoimentos, considero que um projeto de estágio em parceria entre a universidade e a escola básica contribui para efetivar uma relação recíproca entre as duas instituições e colabora de maneira significativa na formação do professor. Mas, Khaoule (2012) alerta que ao realizar o estágio na perspectiva de projeto não significa apenas executá-lo como um instrumento burocrático de ensino aprendizagem, e sim implica o compromisso em elaborar projetos significativos para a escola que permitam a inclusão e o diálogo entre escola e universidade; entre o conhecimento, a didática e a prática do ensino e

também entre os sujeitos envolvidos no processo.

Passini (2007, p.22) apresenta outras sugestões que poderão contribuir para essa parceria “a realização de trabalho em equipe, avaliação contínua e diagnóstica, manutenção da concentração e da disciplina para uma aprendizagem significativa e fim da relação tradicional entre professores e alunos na construção e mediação do conhecimento.”

Isso promove ao estágio seu caráter de campo formativo para o professor para além de observação, de semirregência e de regência de aulas. Como elemento mediador entre a universidade e a escola, o estágio contribui para a revisão das teorias, propiciando a observação e análise à realidade vivenciada da escola básica, em seguida permite aos estagiários quando retornarem à universidade contribuir com suas reflexões sobre a teoria praticada e a prática teorizada. Pois, sempre novos conhecimentos e experiências são importantes para quem deseja alcançar uma profissão de qualidade, e os novos olhares rumo a uma profissão está seguindo um novo patamar e outras demandas com teorias cada vez mais investigadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências concretas aqui relatadas apontam a realidade de aproximação entre a universidade e a escola básica. Por meio do estágio, como mediador entre essas duas instituições de ensino foi possível um exercício constante de reflexão e análise sobre a relação entre teoria e prática. Pois, as reflexões destacadas apontam para atividades de estágio que produzem conhecimento teórico/prático capaz de alimentar os saberes necessários à formação inicial dos professores de Geografia, tanto quanto podem fundamentar as práticas docentes nas escolas.

Acredito, assim, que o estágio orientado pelos princípios dos projetos e que considere os diferentes atores envolvidos no processo educacional (professores orientadores, professores regentes, alunos estagiários, alunos da educação básica) é possível diminuir o distanciamento entre a universidade e a escola básica e quem sabe resolver grande parte dos dilemas vivenciados durante a realização do estágio.

Refletir sobre a formação inicial de professores é pertinente considerar as intensas

transformações que vem ocorrendo na sociedade em que vivemos, pois elas exigem novas demandas. Para isso, faz-se necessário que os professores estejam voltados para uma prática crítica-reflexiva como postula Cavalcanti (2012) que um princípio básico da formação do professor é o que se forme como um profissional questionador, que problematize a prática e desenvolva teorias sobre ela, com base em suas próprias investigações; um profissional que procure a contribuição dos conhecimentos acadêmicos para analisar e dar respostas às questões da realidade empírica.

Portanto, trata-se de um processo de formação profissional em curso que ainda precisa ser questionado, repensado e investigado para dar conta dos desafios enfrentados pela sociedade atual.

SO FAR, SO CLOSE: THE INTERLACES OF THE UNIVERSITY WITH ELEMENTARY SCHOOLS
THROUGH THE SUPERVISED TRAINEESHIP

ABSTRACT

This article aims to reflect on the initial formation of Geography teachers having as theoretical references authors who have contributed with their productions and placements, as Cavalcanti (2012) Imbernón (2011), Pimenta (2011), Callai (1999) and others. Then, there is a special focus in relation to the interlaces of the university with the elementary school in the professional formation, having the supervised traineeship as mediator in the process of this formation as well as exchange between these two teaching institutions. Finally, some considerations are made about my experience as a guiding teacher of traineeship and regent teacher in the elementary school, presenting a unique moment of teaching practice where I was in professional practice in both teaching institutions. The reflections to be presented indicate that the traineeship produce theoretical / practical knowledge capable to feed the learning necessary for initial formation of teacher as much as they can support the teaching practices in schools.

Key-words: Initial formation of teachers; University; Elementary School; Supervised Traineeship.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel (Org.). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora, 1996.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. Imagens de uma escola: a produção de vídeo no estágio de prática de ensino. p. 267-273. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Orgs.) *Geografia em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002.

CALLAI, Helena Copetti. *A formação do profissional da Geografia*. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia e Práticas de Ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. *Formação inicial e continuada em geografia: Trabalho pedagógico, metodologias e (re) construção do conhecimento*. p. 85-102. In: ZANATA, B. A.; SOUZA, V. C. (Orgs) *Formação de professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino da Geografia*. Goiânia: NEPEG, 2008.

_____. A Geografia escolar e a sociedade brasileira contemporânea. p. 77-96. In: TONINI, I. M.; et al. *O Ensino da Geografia e suas Composições Curriculares*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

_____. *O ensino de geografia na escola*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2011.

KHAOULE, Anna Maria Kovacs. O Estágio Supervisionado e suas contribuições na formação do professores de Geografia. p. 57-78. In: BENTO, I.P.; OLIVEIRA, K.A.T. (Orgs.) *Formação de professores: pesquisa e prática pedagógica em geografia*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

PASSINI, Elza Yasuko. *Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, Selma G. e GHEDIN, Evandro. (Orgs). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma G. e LIMA, Maria S. L. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2011.

PINHEIRO, Antônio Carlos. Dilemas da Formação do Professor de Geografia no Ensino Superior. P. 91-108. In: CAVALCANTI, L. S. (Org.) *Formação de Professores:*

concepções e Práticas em Geografia. Goiânia: Editora Vieira, 2006.

SOUZA, Vanilton Camilo. *O processo de construção do conhecimento geográfico na formação inicial de professores*. Goiânia: UFG/IESA, 2009. (Tese de doutorado).